

PROSTITUIÇÃO O turno da noite

TEXTO DE FERNANDO MANUEL • FOTOS DE NAITA USSENE E JORGE TOMÉ

A prostituição é hoje uma mina a céu aberto — e próspera — na cidade de Maputo. O facto em si não encerra nada de extraordinário excepto se se recordar que esta «profissão», em Moçambique já

foi (sê-lo-á ainda?) objecto de campanhas em força e violentas com vista à sua erradicação. A avaliação dos resultados obtidos pode-se agora fazer em praticamente qualquer esquina da noite capitalina.

Tinham sido dois dias de tentativas infrutíferas de penetração na zona mais escura da noite de Maputo: tudo somado resultava

numa boa meia dúzia de horas circulando pela Rua de Bagamoyo, por alguns bares e «boites» da baixa e dos subúrbios. A escola,

no entanto, não foi de todo inútil. Ao fim deste tempo aprendemos que o aparato das máquinas de fotografar empunhadas com o ar



seguro do profissional, o bloco — embora disfargado debaixo do braço — impunha silêncios repentinos e cúmplices naquele universo de fumo, cerveja, música alta e conversas cicliadas ao ouvido: e todos, como de mútuo e tácito acordo, homens e mulheres, olhavam para a dupla de intrusos com uma expressão de desafio no rosto.

Ao terceiro dia a lição já estava definitivamente estudada: descemos à baixa muito mais tarde, por volta das vinte e três horas, tendo como bagagem apenas uma máquina, a memória para fixar os factos e pormenores e, mesmo assim, o bloco de notas. Porque a memória, ela só, atraiçoa. Junto a uma transversal lo-

calizámos um daqueles grupos de jovens e adolescentes que disfarcam a sua função vigilante com as mãos enfiadas nos bolsos conversando e rindo em voz alta. Aproximaram-se a um sinal e após

O MUNDO QUE DESPERTA AO CAIR DA NOITE...

uns minutos breves de conversa, acertos e algumas notas largadas entre mãos desapareceram para voltar daí a pouco com duas moças.

DOS BANCOS DA ESCOLA A VERTIGEM NOCTURNA

Já à roda de uma mesa, num ambiente de sombras e luzes foscas e a cerveja encomendada sobemos que Inês M. é natural de Maputo, vive com uma tia no bairro do Hulene e tem 18 anos. A pedido, conta que se encontrava, até há dois anos atrás, a estudar numa escola secundária da capital, numa qualquer sexta classe: «nesse ano, perdi o direito à matrícula por ter chumbado. Tentei arranjar emprego mas só muito recentemente consegui, como cozinheira numa barraca na feira do Hulene».

Foi uma chance tardia, a avaliar pelo que a própria Inês M. nos afirma. A essa altura, ela engrossava já o grupo sem estatística de jovens que povoam as esquinas da cidade de cimento, em nuvens que crescem em ousadia e quantidade a cada dia que passa. «De dia» afirma, «estou em casa a fazer qualquer coisa para ajudar, quando estou de folga na feira». À noite, por volta das dezanove horas, embrulhada numa qualquer mini-saia e camisete esvoaçante, desce para a cidade: «eu e a minha amiga aqui e mais outras que fomos conhecendo durante este tempo temos a nossa esquina ali onde vocês nos apanharam. A partir daí vamos aonde nos quiser levar».

Os preços, ditos a meia voz e com olhar embaraçado, variam conforme o local, o tempo e a modalidade negociados. A este ponto veio, necessariamente, a questão



Muitas vezes, memória dos bancos da escola é ainda fresca



«SIDA? A gente nem pensa nisso»

de saber se a tia saberia da actividade a que a Inês se vem dedicando ao longo destes últimos dois anos. A resposta, dada com naturalidade, foi que sim: «qual é o problema? Ela sabe que com aquilo que ganho ajudo muito a fazer frente às despesas de casa». A ter que implicar uma ida ao Hulene aquela hora — já ia passando da meia-noite — até às primeiras horas da manhã seguinte o preço a pagar seria de dez mil meticais. De qualquer forma, nunca o período poderia ser para lá das quatro da manhã «por causa dos vizinhos».

Inês M., por mais paradoxal que possa parecer, sonha ainda com a possibilidade de vir um dia — «próximo ano, talvez» — voltar a matricular-se no curso nocturno, «pelo menos para fazer a nona classe». Enquanto isso, vai fazendo amor a cinco mil meticais à hora ou, como esclareceu, a cinco dólares. Nestes casos, porventura para lhe facilitar as contas, o câmbio faz-se pela tabela de um dólar para mil meticais.

BAGAMOYO. EIXO DESLOCADO

No local em que decorria a conversa, um bar disfarçado num primeiro andar que à noite funciona como dancing, meia dúzia de outros pares dançavam séries ininterruptas de música agitada, num compasso aliás que de dança

só tinha a sugestão. Enia J., que se iniciou no ofício há muito pouco tempo pela mão de uma amiga e vizinha, afirmou não estar ainda habituada ao barulho, à pouca luz e à «extravagância de alguns homens, que pensam que só porque nos pagam dinheiro têm o direito de nos exigir tudo e, nalguns casos, até a maltratar-nos». Por isso mesmo e «porque sou nova — 19 anos — não gosto muito deste ambiente da Rua (de Bagamoyo)». O que de resto não constitui problema, dado que só na baixa existem mais meia dúzia de lugares propícios a promover o negócio do prazer carnal.

O proprietário de um dos bares daquela zona esclareceu-nos aliás que «ultimamente a tendência é de o eixo desse negócio se deslocar para outros pontos da cidade. A rua já não tem os atractivos que teve em tempos e que fizeram a sua fama. Trabalhamos debaixo de tremendas dificuldades, a principal das quais é o fornecimento irregular da cerveja, que deveria funcionar como uma espécie de isca. Quando não temos cerveja não temos clientes e sem clientes as prostitutas não fazem negócio».

De qualquer forma, nos pontos para onde o movimento se descentralizou, «o negócio está próspero», de acordo com o depoimento de uma veterana, cujo posto se situa num concorridíssimo bar na parte alta da cidade, em serviço

praticamente vinte e quatro horas por dia. Diz ela que «embora não precise nem tenha já pedalada para atender mais de três clientes por dia, ganho o suficiente para poder viver à vontade, alimentar e vestir os meus dois filhos e pagar-lhes os estudos». E também uma limitante para ela o facto de estar vivendo com os filhos, já maiores, uma vez que «não posso levar homens para casa de qualquer maneira. Mas mesmo isso não é muito grave, porque tenho os meus homens tradicionais, a maior parte dos quais ou tem casa livre ou conhece bem o esquema de aluguer de quartos».

O aluguer de quartos é feito num determinado número de unidades da indústria hoteleira local, a preços que variam de mil e quinhentos a dois contos por hora. Para os mais apressados — ou menos exigentes — existe a outra possibilidade, que consiste em alugar dependências e acessos de prédios em conluio com os guardas, ou instalações que deveriam ser utilizadas como armazéns. «O preço compensa», diz-se, pois aqui a hora paga-se a trezentos ou quinhentos meticais: «mas isso é para crianças», diz a veterana, argumentando que «eu já não tenho idade para arriscar tanto. Além do mais, as condições em que as coisas decorrem são muito duras». Porque, normalmente ou é em armazéns que se apresentam nus apenas com o soalho ou, quando

... E DORME PELO AMANHECER

muito, com parcas esteiras desgastadas pelo uso. O caso mais escandaloso é o dum jardim público junto a um bar, no bairro Central, ao qual agorrem de madrugada numerosos casais.

«Para mim isso não é problema. Qualquer profissão tem os seus riscos e seus graus de exigência. Se o homem assim o quer e paga porque que vou esperar por uma casa com cama?». A questão é colocada por Paula F., vinte anos, a viver e a sustentar a mãe e três irmãos. Nas condições em que se afirma encontrar, vai mesmo mais longe ao afirmar que «por exemplo, eu gosto mais dos que me pedem para fazer números especiais, em vez da modalidade normal: é mais seguro e mais rendoso». Paula F. exemplifica: enquanto que para esta última dificilmente se pode cobrar mais do que cinco mil meticais por hora, já nas especialidades — sexo oral ou outra — o preço pode muito bem ir para o dobro sem que haja necessidade de grandes negociações.

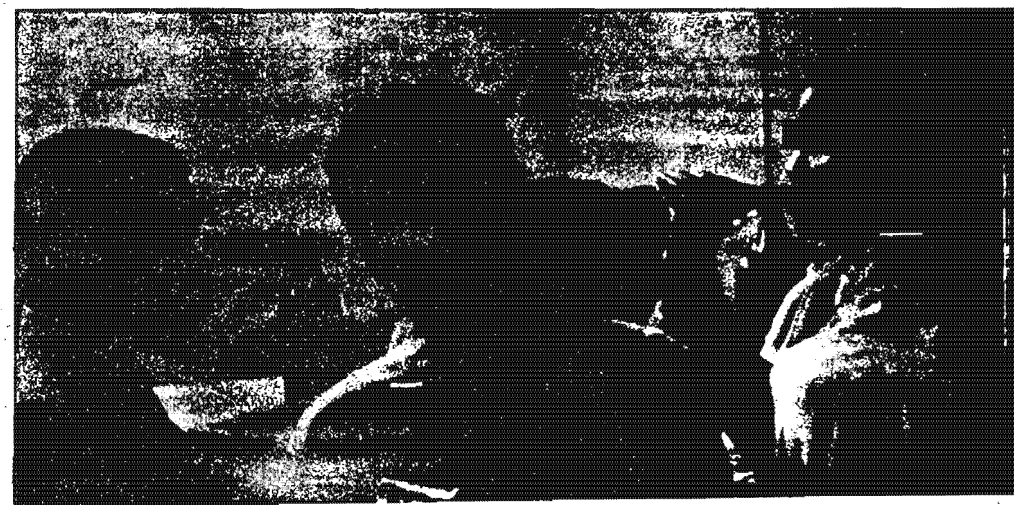
Um facto em que todas estão de acordo é que o cliente nacional funciona como uma alternativa, boa apenas por ser mais vulgar e estar sempre à mão. O grande negócio faz-se com os tripulantes que de tempos a tempos inundam a cidade dando outra vida às noites maputenses. Ou então com cooperantes. Dentre aquelas, afirma Paula F., «os mais cotados são os tripulantes japoneses: nunca discutem preços, sejam dez ou vinte dólares, e nunca apresentam problemas para pagar».

SIDA?

«A GENTE
NEM PENSA NISSO»

Uma componente omnipresente nestas andanças é o do risco, que tanto pode ter o nome de uma prosaica doença venérea facilmente combatível ou o fantasma do Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. Mas, normalmente, é uma pergunta a que se responde como

A cerveja não é um fim, mas como meio ajuda muito





Dois poses, na vertigem da noite de Maputo

interessantes: «a gente nem pensa nisso», disse e, perante a insistência, acrescentou que «não nos podemos preocupar com todos os riscos que isto tem, senão acabamos por estragar o negócio. No entanto, se a pessoa quiser usar essas coisas que se usam não tenho nada a ver, embora não goste nada. No fim de contas eu faço isso por dinheiro. Quem procura prazer é o homem e é para isso que paga».

Mais frequentemente, no seio destas jovens cujo número é continuamente engrossado pela adesão de novas aspirantes à profissão, cada vez mais recrutadas entre as deslocadas de guerra da periferia da cidade que aqui encontram um meio (fácil?) de obviar os problemas de sobrevivência, o maior medo é de se cruzar com aquele tipo de homens que em vez de dinheiro recorre à força ou intimidação para chegar aos factos. De qualquer modo, foi-nos dito que a ocorrência de tais atitudes não é frequente: «isso já

passou da moda, da mesma maneira que passou da moda os homens andar a lutar por causa de uma mulher», segundo depoimento de um jovem frequentador da Rua de Bagamoyo, por razões de ofício.

«CHULOS»: SINAL DOS TEMPOS?

O jovem, Frederico da S. T. é um dos agora muitos que sobrevivem controlando uma rede de prostitutas, de idades que variam entre os 17 e 24 anos, às quais arranja clientes — depois de iniciá-las no negócio — indica os preços a praticar e de quem controla os rendimentos diários, dos quais fica com significativa percentagem. Frederico da S. T. tem o seu dia de trabalho a começar por volta das quinze horas e a acabar quando «o movimento já está fraco» o que frequentemente acontece já manhã clara: «limito-me», diz, «a ficar sentado a ocupar esta mesa, bebendo cerveja e con-

ONDE LUTAR POR MULHER JÁ PASSOU DE MODA

trolando o movimento. A maior parte das raparigas que controlo são do meu bairro, no T3 e não falam inglês. Na altura dos marinhos, normalmente filipinos, russos ou japoneses, eu é que convido os clientes, escolho a moça e combinamos o preço e o tempo».

O reaparecimento em força destes personagens — chulos na gíria — é um fenómeno que se explica eficazmente pelo notável recrudescimento da prostituição em Maputo nos últimos tempos, onde a profissão se recomeçou a fazer às claras. Isto depois da caça às bruxas de que foram objecto as

prostitutas logo após a proclamação da Independência, medida que se mostrou a todos os títulos ineficaz. Como ineficaz terá sido todo o esforço de mobilização, de sensibilização ou outro.

Mesmo durante esse período, com efeito, a prostituição continuava a ser um facto, apesar de toda a camuflagem de que se encontrava revestida. A hipocrisia da situação, de qualquer modo, não podia manter-se por muito tempo.

Só para recordar, ainda mesmo em 1975, no Governo de Transição, a então Rua Araújo foi palco de uma operação sem precedentes, envolvendo funcionários do Governo, a polícia, o exército português e as Forças Populares de Libertação de Moçambique: a ideia, rezam as crónicas da época, era erradicar a prostituição com a detenção e envio das prostitutas a centros de reeducação. Já em 1984, a Conferência Extraordinária da OMM citava como uma das recomendações finais que a solução contra o fenómeno seria «o recrutamento da acção repressiva e educativa das prostitutas e dos fomentadores da prostituição, encaminhando-os para os centros de reeducação, onde se fará a sua recuperação social; a realização de uma acção constante de educação e consciencialização da comunidade, de modo a nela criar a aversão e prontidão na denúncia da prostituição».

Era a manifestação de uma intenção, atitude e forma de querer estar no mundo não só boa como necessária. E já lá vão cinco exactos anos. Ou, se se quiser, catorze.

F. MANUEL

SOB A MAGIA DO NÉON

Vai longe o tempo em que a Avenida 24 de Julho tinha como particularidades apenas o seu extraordinário comprimento e eventualmente o facto de ser nela que se encontra a Loja Franca. Nos últimos tempos, àquelas se juntou uma outra, de resto menos discreta: ao cair da noite, os seus passeios, numa larga extensão desde o Bairro Central até à zona alta da cidade transformam-se em montanhas de modelos humanos, vivos e prenhes de cor — aos grupos de três, quatro, raparigas na casa dos vinte anos para menos disputam a clientela, sem atropelos nem desmandos.

Os homens vêm a passo lento, perscrutador — «à velocidade de saque» — e os carros passam rentes ao passeio para permitir uma apreciação o mais fiel possível. No grupo eleito é a paragem, breve, os termos do negócio são tratados com eficiência e rapidez e depois é o embarque.

Seria errado, no entanto, pensar que a 24 de Julho é a única em que se pode fazer esta descrição. O que começa aqui pode começar em qualquer outra esquina da

Baixa, do Alto-Macé, na Rua de Bagamoyo ou na Avenida dos Acordos de Lusaka, na Julius Nyerere ou na Rua do Zixaxa.

Desaparecidos que estão os perímetros outrora conhecidos como lupanares exclusivos como o Mathlomana e as Lagoas com os seus bares Vasco da Gama ou Bota Fogo, o movimento descentralizou-se. Mesmo a própria Rua de Bagamoyo não consegue fazer a excepção: Maomé deixou de ir ter à montanha. Por conseguinte, esta é que vem ter com ele.



Explicar-se, àquele tempo, a fonte das prostitutas como as filhas do campo que sucumbiam à magia do néon e aqui vinham sobreviver vendendo o corpo. Esta explicação hoje seria insuficiente: quem faz as noites ao longo das esquinas iluminadas de Maputo, nas «boites» e alguns hotéis são cidadãs bem urbanizadas, recém-excluídas do ensino secundário ou até por lá continuando.

Há, é verdade, ainda a componente das adolescentes do campo que vêm parar à cidade devido à guerra e acabam caindo na malha. Mas, maioritariamente, estas dis-

putam o espaço com as que vêm do outro tempo cuja idade, estado de espírito e conservação as conjuga ao subúrbio. Para que a deslocada conquiste definitivamente a cidade de cimento tem de passar pelos degraus do apuramento da língua, das manhas da profissão e do «stock» de roupa condizente.

E há as semi-profissionais, que de dia ainda emprestam o ar da sua graça a algum escritório ou repartição ou senhoras respeitáveis cujo nível de rendimentos é inferior ao da vida que gostam de levar.

Num documento de 1972, o Comité Central da Frente de Libertação de Moçambique definia a prostituição como uma «instituição do sistema capitalista», quadro em que os homens eram arrastados para os trabalhos forçados ou prisões; ou ainda pelas malhas da sociedade tradicional: hoje, cremos, a explicação teria que ser diferente.

Seja como for, o que está demonstrado é que a prostituição não se elimina com decretos-leis nem com campanhas policiais de maior ou menor envergadura. Para lá de tudo isso, gigantesco permanece o desafio.

